

ANIMAIS DE COMPANHIA**P-249****DERMATITE EOSINOFÍLICA NA ESPÉCIE FELINA**

Geyanna Dolores Lopes Nunes; Paulo Fernando Cisneiros da Costa Reis; Kilder Dantas Filgueira

O presente trabalho descreve um caso de dermatite eosinofílica (DE) em gato doméstico. Um felino, macho, sem raça definida, com um ano de idade, possuía lesões cutâneas pruriginosas, com tempo de evolução de 60 dias. O tratamento prévio com antibiótico sistêmico e xampu antisséptico, não apresentou resultados satisfatórios. O paciente foi submetido ao exame físico. Optou-se pela execução de raspado cutâneo. Houve necessidade do procedimento de biopsia incisional das alterações, com encaminhamento do material obtido para histopatologia. Foi prescrita terapia tópica com selamectina 6% (uma aplicação quinzenal, até completar o total de quatro doses) e solução de aceponato de hidrocortisona (pulverização a cada 24 horas, durante sete dias). O felino revelava normalidade dos parâmetros vitais. Contudo, durante a avaliação dermatológica foram evidenciadas crostas melicéricas, eritema, edema, escamas, rarefação pilosa e exsudação hemorrágica, acometendo as regiões falangeal e interfalangeal dos membros torácicos e pélvicos, coxins plantares, metatarsal direita, calcâneo esquerdo e extremidade da cauda. Existia ainda hipertrofia dos linfonodos poplíteos e onicomadese. O raspado cutâneo indicou negatividade para ácaro. A dermatohistopatologia revelou hiperplasia regular da epiderme, com espongirose difusa, ortoqueratose compacta, exocitose de eosinófilos e neutrófilos, além de focos de ulceração abrupta. Não havia acantólise. Toda a derme exibia edema e infiltrado inflamatório misto intenso em padrão perivascular a difuso, com elevada quantidade de eosinófilos. Os folículos pilosos, glândulas sebáceas e glândulas apócrinas não apresentavam alterações. A coloração especial para fungos, foi negativa. O padrão morfológico foi compatível com DE. O animal possuiu completa remissão do quadro lesional após a utilização do antiparasitário e glicocorticoide tópico. A DE tem rara incidência e está inclusa em um heterogêneo padrão de resposta tegumentar caracterizado pela infiltração eosinofílica a inúmeros antígenos e com provável etiologia multifatorial alérgica. No caso em questão, o adequado efeito da terapia direcionada para a exclusão de alérgenos da saliva de artrópodos definiu a causa de base da dermatopatia. O corticoide local foi empregado de modo sintomático, objetivando o alívio do prurido e bem estar do animal. Torna-se necessário considerar-se a DE como diagnóstico diferencial em felinos com eritrodermia pruriginosa e edematosa.

Palavras-chave: alergologia, infiltração eosinofílica, *Felis catus*.

ANIMAIS DE COMPANHIA**P-250****DESLOCAMENTO TRAUMÁTICO DE APARELHO HIOIDE EM CÃO – RELATO DE CASO**

Kairuan Camera Kunzler; Daniela Flores Fernandes; Maurício Ferreira e Silva Faraco; Rita Elaine Streda Ribeiro; Bruno Gomes de Campos

O presente trabalho relata um caso de deslocamento traumático de aparelho hioide em cão tratado clinicamente. Foi atendido cão de raça shih tzu de dois anos de idade, com histórico de ingestão acidental de palitos de dente. O proprietário relatava ter retirado um palito da cavidade oral do animal antes que o mesmo fosse deglutido, causando trauma. O cão havia sido atendido e medicado em outro local, sendo encaminhado devido à indisponibilidade de exame de imagem. Ao exame físico o paciente apresentava ventroflexão

cervical com intensa algia à manipulação de região laríngea, bem como leve sangramento oral. Nenhum corpo estranho foi observado e demais parâmetros se encontravam dentro do referencial para a espécie. Foi realizado raio-x simples em projeção laterolateral que evidenciou aumento de volume de partes moles em região sublingual e alteração anatômica/posicional dos ossos do aparelho hioide, além de obliteração da orofaringe. O cão foi internado e recebeu, além de fluidoterapia de manutenção, dexametasona (1mg/kg, SID), enrofloxacin (10mg/kg, SID), ranitidina (2mg/kg, BID), sucralfato (30mg/kg, TID), tramadol (2mg/kg, TID) e dieta úmida. Após 24 horas, foi realizada nova radiografia que evidenciou pouca evolução do quadro, embora com menor aumento de partes moles. Após três dias, o paciente recebeu alta, mantendo o mesmo protocolo terapêutico, mas com maxican (0,1mg/kg, SID) como antiinflamatório. Após sete dias do atendimento, o cão retornou para revisão e controle radiográfico. O paciente não apresentava alterações ao exame físico, bem como nenhuma dificuldade de apreensão ou deglutição do alimento, ou de vocalização. Foi realizado raio-x controle simples em projeção laterolateral que evidenciou imagem compatível com deslocamento dorsocaudal do epi-hioide. Há poucos relatos referentes a alterações no aparelho hioide e o presente caso mostra o deslocamento por intervenção inadequada para remoção de corpo estranho tratado com sucesso clinicamente.

Palavras-chave: canino, trauma, corpo estranho, aparelho hioide.

Referências bibliográficas: MCALLISTER, H.; KEALY, J. K. Radiologia e Ultra-sonografia do Cão e do Gato. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2005.

ANIMAIS DE COMPANHIA**P-251****DETERMINAÇÃO DE VALORES DE REFERÊNCIA PARA TEMPOS PROTROMBINA E TROMBOPLASTINA ATIVADA EM CÃES ATENDIDOS NO HV-ULBRA**Caroline Marques Lemos¹; Paula Preussler Dos Santos²; Letícia Da Silva³; Diego Moreira Pujol³; Katiana Santos Stelmach Pereira⁴; Mariangela Allgayer⁵

1-Médica Veterinária autônoma. 2-Médica Veterinária Aluna do PPG – ULBRA/RS. 3-Acadêmico(a) do curso de Medicina Veterinária ULBRA/RS. 4-Acadêmica do curso de Biomedicina ULBRA/RS. 5-Médica Veterinária, PhD, Professora do Curso de Medicina Veterinária ULBRA/RS. Email: paulapds@terra.com.br

Os fatores de coagulação são proteínas e íons componentes da cascata de coagulação, responsáveis pela manutenção da hemostasia de um indivíduo. Dentre os exames laboratoriais utilizados para a avaliação da função da coagulação sanguínea está incluída a determinação do tempo de protrombina (TP) e o tempo de tromboplastina parcial ativada (TTPa), ambos avaliados em segundos (s). O presente trabalho determinou os valores de referência para TP e TTPa em cães clinicamente saudáveis para serem usados como intervalos de referência no Laboratório de Patologia Clínica do Hospital Veterinário da Universidade Luterana do Brasil. A necessidade desta pesquisa se deu pelo fato de que há uma grande variabilidade nos intervalos de referências encontrados na literatura. Amostras de sangue coletadas em tubos contendo citrato de sódio de 20 caninos, machos e fêmeas, sem discriminação de raça e idade, atendidos pelo Hospital Veterinário da ULBRA, foram processadas utilizando-se reagentes comerciais para teste de coagulação sanguínea em plasma citratado (PT Hemostasis e APTT Hemostasis Labtest®), com métodos manuais. Os valores estabelecidos foram submetidos a cálculos de estatística descritiva (médias, valores máximos e mínimos e desvio padrão) para obtenção dos intervalos de referência. Os resultados obtidos para caninos foram de 10,2